

**LOUVAÇÃO AO BAOBÁ NA/DA CIDADE DE MOSSORÓ/RN: UMA  
PERSPECTIVA EPISTÊMICO-METODOLÓGICA**

**PRAISE TO BAOBAB IN/FROM THE CITY OF MOSSORÓ/RN: AN  
EPISTEMIC-METHODOLOGICAL PERSPECTIVE**

**ELOGIO AL BAOBÁ EN/DESDE LA CIUDAD DE MOSSORÓ/RN: UNA  
PERSPECTIVA EPISTÊMICO-METODOLÓGICA**

Lucas Sullivam Marques Leite<sup>1</sup>  
Ana Lúcia Oliveira Aguiar<sup>2</sup>

**RESUMO**

O artigo em tela tem como objetivo apresentar uma síntese de uma recente pesquisa em nível de mestrado em Educação, intitulada, “Louvação ao Baobá na cidade de Mossoró/RN: memórias, identidades negras e saberes ancestrais”, desenvolvida na linha de pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, com financiamento da CAPES. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, bibliográfica e explicativa (quanto aos objetivos) fundamentada na interface entre a Metodologia da Pesquisa (Auto)Biográfica e Filosofias Afro-Brasileiras. Os resultados apontam que perspectivas epistêmico-metodológicas em construção podem compreender e veicular histórias de vida, memórias, experiências e saberes ancestrais, com impactos diretos na cultura e educação afro-brasileira. Por fim, a pertinência em fortalecer o campo da Filosofia da Educação Brasileira no contexto da história e da memória do movimento negro, dos povos de santo e da cidade de Mossoró/RN.

**Palavras-chave:** Louvação ao Baobá; saberes ancestrais; metodologia da pesquisa.

**ABSTRACT**

The article on screen aims to present a synthesis of a recent research at the Master's level in Education, entitled, "Louvação ao Baobá in the city of Mossoró/RN: memories, black Identities and ancestral knowledge", developed in the research line Practices Education, Culture, Diversity and Inclusion of the Graduate Program in Education, at the State University of Rio Grande do Norte, with funding from CAPES. It's about from a research with a qualitative, bibliographic and explanatory approach (in terms of objectives) based on the interface between the (Auto) Biographical Research Methodology and Afro-Brazilian Philosophies. The results indicate that epistemic-methodological perspectives under construction can understand and convey life stories, memories, experiences and ancestral knowledge, with direct impacts on Afro-Brazilian culture and education. Finally, the relevance of strengthening the field of Philosophy of Brazilian Education in the context of the history and memory of the black movement, the people of Santo and the city of Mossoró/RN.

**Keywords:** praise to Baobab; ancestral knowledge; research methodology.

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia (UERN) e Pedagogia (UNIFAVENI). Mestrado em Educação (UERN). E-mail: sullivamml@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em História (UFPE). Mestrado em Sociologia (UFPE). Doutorado em Sociologia (UFPB). PhD em Educação (UFC). E-mail: oliveiraaguiarpetro@gmail.com

## RESUMEN

El artículo en la web tiene como objetivo presentar un resumen de una investigación reciente en el nivel de posgrado en Educación, titulada “Louvação ao Baobá en la ciudad de Mossoró/RN: memorias, identidades negras y Saberes Ancestrales”, desarrollada en la línea de investigación Práctica de Educación, Cultura, Diversidad e Inclusión del Programa de Posgrado en Educación, de la Universidad Estatal de Rio Grande do Norte, con financiamiento de la CAPES. Se trata de resultado de una investigación cualitativa, bibliográfica, con enfoque explicativo (objetivo), basada en la interfaz entre la Metodología de Investigación (Auto)biográfica y las Filosofías Afrobrasileñas. Los resultados muestran que con perspectivas epistémico-metodológicas en construcción, podemos comprender y transmitir historias de vida, memorias, experiencias y conocimientos ancestrales, con impactos directos en la cultura y la educación afrobrasileña.

**Palabras clave:** exaltación al Baobá; conocimientos ancestrales; Metodología de investigación.

## INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo apresentar uma síntese da pesquisa, intitulada, “Louvação ao Baobá na cidade de Mossoró/RN: memórias, identidades negras e saberes ancestrais” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A referida pesquisa teve como tema central “memórias, identidades negras e saberes ancestrais em torno da Louvação ao Baobá na cidade de Mossoró/RN”, e o objetivo geral de compreender tais memórias, identidades<sup>3</sup> e saberes. Seguido dos seguintes objetivos específicos: 1) Apresentar as relações entre a trajetória de formação do autor, a Louvação ao Baobá e o encontro do autor com a Pesquisa (Auto)Biográfica e Filosofias Afro-Brasileiras; 2) Apontar saberes ancestrais presentes na preservação da memória social; 3) Registrar impactos sociais frutos da Louvação ao Baobá.

Este texto está estruturado em dois momentos, no primeiro discutimos sobre a articulação dos conceitos que nortearam a pesquisa e, no segundo momento, apresentamos o caminho percorrido, discussões e resultados.

## A ARTICULAÇÃO DOS CONCEITOS

Este tópico se propõe a apresentar os princípios filosóficos e educativos da pesquisa, assim como, o que significa e como se caracteriza a Louvação ao Baobá e

---

<sup>3</sup> É necessário destacar que nesta pesquisa, a compreensão de identidade é constituída pela ideia de pertencimento ancestral, étnico-racial e até mesmo profissional. Sem esse sentimento de pertença não é possível pensar identidade.

descrever os conceitos articulados. Destacamos inicialmente que os princípios filosóficos e educativos que nortearam a pesquisa em estudo são inspirados em ensinamentos de Machado (2015; 2020a; 2020b) e Medeiros e Leandro (2013).

Machado (2015, p. 87) apresenta a filosofia como:

[...] um modo de refletir, de questionar e de construir o pensamento, oriundo de nossas diversas experiências na imensa diversidade cultural que nos carrega, contempla e completa, é o tornar o mundo um lugar melhor para se viver e conviver. É um diálogo.

Esta pesquisa assume essa compreensão em relação à filosofia, associa aos ensinamentos de Medeiros e Leandro (2013, p. 61) ao destacarem que:

As (auto)biografias tornam-se ciência e consciência na medida que adquirem sentido para ambos sujeitos inseridos no processo de reconstrução do vivido e do sentido durante o tempo. Portanto, as experiências vivenciadas neste trabalho de cunho científico e formativo revelam de modo límpido que a atividade de pesquisa que efetivamente desenvolve o espírito reflexivo promove autonomia à medida que proporciona a nós docentes nos reconhecer e pensar sobre nossa condição humana e educativa.

Trata-se de um modo de pensar e preservar manifestações culturais e religiosas. Um diálogo necessário e inovador no processo de compreensão das memórias, identidades negras e saberes ancestrais em torno da Louvação ao Baobá na cidade de Mossoró/RN.

Nesse sentido,

[...] a perspectiva é filosofar, transmitir conhecimentos oriundos de nossas vivências / experiências / histórias / memórias, compreendendo-se numa relação partindo do local para o global, é de casa para o mundo, de nossos terreiros para os terreiros do mundo, são as travessias de nosso ser / viver [...] Valorização de nossa memória ancestral, da oralidade que não deixa essa memória ser esquecida (Machado, 2020a, p. 266).

Nesse raciocínio, a cosmopercepção mobilizada e apresentada pelo autor registra, na história e na ciência memórias, identidades negras e saberes ancestrais em torno da Louvação ao Baobá, manifestação cultural e religiosa fruto das ações do embrião do movimento negro de Mossoró/RN. Fortalece os estudos sobre a importância das raízes ancestrais negras na diáspora, as religiões de matrizes africanas e a luta do povo negro no Brasil, apresentando elementos que nos provoca a pensar uma filosofia afro-mossoroense.

Leite e Aguiar (2022, p. 57) destacam o que significa e como se caracteriza a Louvação ao Baobá:

A Louvação ao Baobá trata-se em nosso entendimento de uma manifestação cultural e religiosa de um grupo de pessoas que compõe o movimento negro – organizado ou não –, assim como, o povo santo no/do sertão mossoroense. Caracteriza-se como um dispositivo de luta sociopolítica e cultural que demarca a presença da ancestralidade negra, dando as religiões de matriz afro-brasileira o reconhecimento de principal guardiã das memórias e saberes ancestrais da cultura africana e afrodiaspórica no Brasil.

Nessa direção, Leite e Aguiar (2022, p. 57) ainda revelam como se constitui e como surge essa manifestação cultural e religiosa:

Registramos que a Louvação se constitui como uma ação do embrião do movimento negro no sertão mossoroense, originado no ano de 1999, a partir de encontro realizado com artistas, professoras e estudantes que se autoproclamaram negros/as e que visualizavam a necessidade de se organizarem e realizarem ações conjuntas que contribui com a afirmação da presença da ancestralidade negra e da construção de uma agenda de combate ao racismo na educação e na cultura local.

Desse primeiro encontro surgiu a proposta organização de um embrião de movimento negro que posteriormente passou a ser denominado Raízes – Movimento Negro de Mossoró, que articulou a realização de três grandes ações: 1) *Exposição Fotográfica Negro e Lindo* (2001), objetivava dar visibilidade ao povo negro e ao embrião de movimento negro na cidade de Mossoró; 2) *Boneca Maria Espinha Brasa* (2002) buscava marcar a presença negra na sociedade local, dando visibilidade no carnaval a boneca negra gigante capaz de aglutinar pessoas de diferentes grupos sociais, políticos e religiosos, no campo da manifestação popular; 3) *Louvação ao Baobá* (2003) objetivando dar visibilidade ao povo negro em especial as religiões de matriz africana, guardiões da cultura e espiritualidade negra.

Contextualizado o significado e a origem da Louvação ao Baobá, destacamos que a pesquisa buscou arrimo na Antropologia da Educação de Carlos Brandão (2000) para compreender a manutenção desta manifestação cultural e religiosa, Louvação ao Baobá, como uma preservação e reconstrução histórica e cotidiana da memória social do povo negro e de santo na cidade de Mossoró/RN:

Desde o horizonte da antropologia, toda a educação é cultura. Toda a teoria da educação é uma dimensão parcelar de alguns sistemas motivados de representações e de significados de uma dada cultura, ou do lugar social de um ‘entrecruzamento de culturas’. Assim também, qualquer estrutura intencional e agenciada de educação constitui uma entre outras modalidades de articulação de processos de realização de uma cultura (Brandão, 2000, p. 17).

Nesse entendimento, compreender as memórias e saberes ancestrais dos/as pioneiros/as do embrião do movimento negro que originou a Louvação ao Baobá na

cidade de Mossoró/RN, exigiu um exercício crítico e reflexivo de dar sentido às nossas experiências cotidianas, olhar/ouvir/vivenciar/contar/narrar/escrever uma outra história com base naquilo que nos toca, nos encanta e impulsiona no mundo.

Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21) nos ensina que:

[...] pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos.

Precisamos pensar para dar sentido ao que fazemos, ao que somos, ao que construímos, ao que sabemos e sentimos. Na Filosofia da Educação Brasileira, encontramos a Pedagogia do Baobá de Eduardo Oliveira (2007, p. 271) nos ensinando que precisamos “pensar a educação através do repertório cultural de origem africana e não simplesmente pensar o negro na educação brasileira”.

Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 26) defende que:

[...] insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias. A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única.

Logo, é necessário romper com referenciais que apresentam africanos/as e afrodescendentes na posição subalterna e humilhação do tráfico negreiro e todo processo de escravização e colonização, mas dar a epistemologia o lugar real destes grupos, com base nas suas experiências, vivências, formas de organização, performances, ser e estar no mundo, olhar/ouvir/vivenciar/contar/narrar/escrever uma outra história, com pertença, protagonismo e produção de conhecimento qualificado.

A pesquisa em destaque, discutiu a partir de quatro conceitos fundamentais para compreender memórias, identidades negras e saberes ancestrais dos/as idealizadores/as da Louvação ao Baobá na cidade de Mossoró/RN, seriam eles: Experiência (Bondía, 2002); Saberes (Tardif, 2007); Ancestralidade (Machado, 2019 – Oliveira, 2007); e Memória (Pollak, 1992 – Halbwachs, 1990 – Machado, 2013).

Foi articulado o conceito de Experiência desde a Filosofia da Educação do filósofo Larrosa Bondía (2002, p. 21), ao defender que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que

toca". A produção do conhecimento qualificado do qual falamos anteriormente, trata-se da valorização da experiência de/com os povos negros, seus coletivos de re-existência (Machado, 2013), de resistência, a sagacidade filosófica (Castiano, 2010) e visão de mundo como caminho possível para compreender a importância dos saberes ancestrais (Machado, 2019), na construção da memória social e da história local.

Na Filosofia da Educação, foi buscado o apoio do filósofo Maurice Tardif para compreender o conceito de Saberes, como um “conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação dos currículos. Esses saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias” (Tardif, 2007, p. 48). São, portanto, atualizados e potencializados pelas memórias, experiências e saberes ancestrais:

Das comunidades negras, das confrarias e mais precisamente dos quilombos e dos terreiros, esparramou-se o legado ancestral vivência de raiz, força insurgente para reexistência do pensamento africano na diáspora. Dos terreiros, recebemos, como legado ancestral, um jeito próprio de ser e estar no mundo. Um jeito de ser e viver a vida fundamentada na essência, nas profundezas da humanidade e um jeito de perceber o mundo que remonta a origem da nossa existência. Essência que transcende a mera condição psicológica do sujeito e o constitui em sua diferença (Machado, 2013, p. 92).

Para a compreensão do conceito de Ancestralidade, Eduardo Oliveira (2007, p. 128) ensina que “a ancestralidade funciona também como uma ‘bandeira de luta’, uma vez que ela fornece elementos para a afirmação (também criação e invenção) da identidade de negros de todo país”; e Adilbênia Machado (2014, p. 196) complementa ao dizer que a “Ancestralidade é uma teia constituída de movimento, pensamento, sentimento, ação”, práxis de re-existência, de resistência.

A bandeira de luta na cosmopercepção africana é todo movimento pela preservação e manutenção dos saberes ancestrais, advindos da experiência, com a valorização das tradições orais, seus mistérios, encantamentos e consolidação de projetos de vida e sonhos coletivos que nos convida a pensar uma filosofia africana.

Adilbênia Machado (2015, p. 88) comenta que:

A filosofia africana nasce do encantamento, ou seja, de uma atitude frente à vida, o bem-viver, é uma filosofia tradicional que tem em si novidades da contemporaneidade, pois a sabedoria dos antigos é sempre atualizada, é uma filosofia aberta às possibilidades, pois é filosofia do sentimento, do movimento. Cria e encanta mundos, ressignifica e dá sentidos, fundamenta-se numa ética implicada no cuidado de si e do/a outro/a, é uma filosofia do desejo e do respeito por esse outro/a que é exterior a nós, mas é quem nos forma, é aquele que permite ser o que somos. É fruto de inquietações e busca

compreender a realidade, questionar os valores impostos no longo período de colonização, compreender a tradição dentro do contexto atual e fortalecer a identidade africana que é delineada pela diversidade cultural.

“A ancestralidade caminha pelo tempo mítico, atualizando-se com o encantamento, um retorno à tradição, mas retorno que movimenta e re-constrói desde princípios tradicionais com vestes da atualidade” (Machado, 2014, p. 28). Assim, a Ancestralidade é a memória viva em movimento, que fortalece as tradições, compreende e reflete o próprio ser, é a ação individual essencialmente coletiva.

Foi abordado o conceito de Memória desde a teoria desenvolvida por Maurice Halbwachs e Michael Pollak, por pensarmos juntos com eles que a memória é um fenômeno coletivo, uma construção social do passado realizado no presente que articula e reconstrói lembranças individuais e coletivas.

Nesse sentido, Maurice Halbwachs (1990, p. 54) fala sobre a lembrança individual:

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

A memória está nitidamente implicada com as relações coletivas e para esta pesquisa foi praticamente obrigatório, nessa perspectiva, recorrer às lembranças desse grupo de pioneiros/as do movimento negro que originou a Louvação ao Baobá na/da cidade de Mossoró/RN, fazer o exercício reflexivo da escuta sensível de suas narrativas.

Pollak (1992, p. 205) nos ensina que:

[...] Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Vanda Machado (2013, p. 50) complementa especificando ao dizer que:

A memória nos terreiros se apoia na confiança de que os ancestrais não morrem, não se afastam da comunidade. E que os valores ligados ao coletivo persistem na família, na vizinhança, apoiando a memória e a cultura do lugar. Recolocando esta afirmativa no presente do presente, as memórias do povo

de santo transformam acontecimentos em coisas eternas que se repetem sempre nas suas diferenças criadoras. Como não falar dessas coisas eternas que se repetem pela memória celebrativa cuja vitória é manter a nossa história e tradição? Somos esta história.

Assim, este estudo foi direcionado ao trabalho com as narrativas, pois se fez necessário o uso da memória, as lembranças em cada contexto da vida. A articulação epistêmico-metodológica realizada nesta pesquisa se caracterizou como uma alternativa assertiva e necessária para compreender as memórias e saberes ancestrais dos/as idealizadores/as da Louvação ao Baobá na cidade de Mossoró/RN.

A memória se caracteriza, nesta pesquisa, como uma construção social ou coletiva, que parte da experiência individual/autobiográfica do sujeito em comunidade, contextos interculturais, intersubjetivos e períodos históricos.

## **O CAMINHO PERCORRIDO**

Foi adotada a metodologia da pesquisa qualitativa em Educação, a partir das contribuições de Bogdan e Biklen (1994, p. 16), ao sinalizarem que “os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico”. Assim, “na investigação educacional, a abordagem qualitativa contempla o modo como as expectativas se traduzem nas atividades, procedimentos e interações cotidianas” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 47).

Esse percurso foi baseado nos princípios da metodologia da pesquisa (auto)biográfica, pesquisa com narrativas e histórias de vida, com uso da História Oral que, de acordo com Souza (2014, p. 7),

Ao utilizar princípios deontológicos, da hermenêutica e da fenomenologia, a análise linguística e textual das narrativas (auto)biográficas pode ser construída a partir do texto em sua totalidade, como utilizada pela História Oral, ou centrada na análise temática ou descritiva, por considerar unidades de significação e excertos que representem ou revelem regularidades ou irregularidades narradas pelos sujeitos, seja individual ou coletivamente. Ainda assim, seja qual for a opção de análise, evidencia-se a necessidade de constante retorno às narrativas (auto)biográficas, tendo em vista esclarecer registros e articulações dialéticas das leituras temáticas e interpretativas no processo de escrita e compreensão de percursos, trajetórias e experiências de vida dos sujeitos, mediante o agrupamento de unidades de significações.

A História Oral como aporte metodológico e embasamento nas contribuições de Verena Alberti (2005), José Meihy e Fabíola Holanda (2007), José Meihy e Suzana Ribeiro (2011), no sentido do manuseio das narrativas orais dos/as pioneiros/as do embrião do movimento negro que resultou na Louvação ao Baobá na cidade de Mossoró/RN. Dada à natureza do objeto de estudo, compreendemos o uso da História Oral como adequado para preservar a história e, assim, precisamos narrar essa história a partir das memórias dos seus sujeitos e valorizar a comunidade de ouvintes.

Nosso interesse consiste não propriamente nas trajetórias de vida desses/as idealizadores/as, mas na presença do tema Louvação ao Baobá em suas caminhadas, como essa experiência do vivido em comunidade se expressa em suas (auto)biografias, narrativas orais que contribuem para reconstruir a memória social e a história local.

Malandrino (2010, p. 53) enfatiza que:

A oralidade reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas como forma de preservação da sabedoria dos anciãos, dos antepassados e dos ancestrais, ao mesmo tempo em que é uma forma de transmissão do patrimônio cultural de uma geração para outra dentro de determinado grupo.

Desse modo, a principal ferramenta de (re)existência dos povos afrodescendentes no mundo contemporâneo se amplia as performances de exaltar essa oralidade. Construir um caminho epistêmico-metodológico, uma investigação reflexiva e crítica, uma abordagem (auto)biográfica, registro de histórias de vida em contextos de práticas educativas subjetivas e interculturais. Assim, “Fundamentar epistemológica e metodologicamente a investigação/pesquisa (auto)biográfica requer, portanto, a ‘voz’ do sujeito narrador, bem como do pesquisador. Porém, tomadas em conjunto, não desiguais, mas diferentes” (Honório Filho, 2016, p. 83.).

Honório Filho (2016, p. 83) destaca que:

Estamos, portanto, neste limiar da produção metodológica do conhecimento: de um lado, a teoria que leva em consideração a interação entre sujeito e objeto. Por outro, vários métodos sendo aplicados, tendo em vista uma aproximação da realidade sócio, cultural, política, cada vez mais cautelosa e rigorosa. Por isso, a metodologia, também no campo da pesquisa (auto) biográfica é problematizada.

Adilbênia Machado (2019, p. 124) complementa ao dizer que:

São metodologias que provocam deslocamento de quem pesquisa, que se faz desde uma formação pessoal, partindo da própria subjetividade, que é por ser coletiva, assim, auto formativa, é multi e transdisciplinar, imbuída de engajamento, práxis (ação), tem a experiência como fundante, delineando-se pelo ser pertencimento, é intergeracional. Busca sentidos, continuamente! São metodologias de sentido e formação, delineadas pelo conhecimento, pela formação e a ação, ou seja, teoria e prática, vivências / experiências significadas nas práticas e significando-as.

Desse modo, Machado (2019, p. 112) destaca que as “Nossas metodologias são tecidas desde nosso corpo inteiro, por isso são diversas, para além do que a colonialidade nos impõe”. Nesse raciocínio, “compreender o pensamento africano passa pela necessidade de apreensão de outras realidades. O ser humano não foi construído de um único elemento da natureza. A construção foi de um ser síntese do mundo, síntese de elementos cósmicos” (Machado, 2013, p. 101).

Essa perspectiva epistêmico-metodológica é constituída na relação de pertencimento e de escuta sensível entre o pesquisador, narradores/as e interlocutores/as, uma implicação intersubjetiva, valorizando a formação humana como um processo contínuo e circular, em que as aprendizagens ocorrem ao longo da vida de cada pessoa e essas aprendizagens podem ser compreendidas através da memória, da historicidade, da oralidade, das experiências e saberes ancestrais que marcam as pessoas e o lugar.

Herança mítica africana está imbricada numa teia de vivências plurais que se repetem nas singularidades e nas diferenças do jeito de ser do povo brasileiro. Vivências plurais que retomam da ancestralidade estratégias míticas e simbólicas, expressões de significados sagrados, momentos ritualísticos de linguagens diversas, repertórios culturais reterritorializados, transformando um jeito de ser em formas de resistência, organização social e ritual. Foi longo e cheio de astúcia o caminho que transformou as transgressões da ordem escravista em formas ancestrais de modo de vida em permanente superação, que nasceram as irmandades, as confrarias, as associações, os terreiros e os quilombos. Até hoje, estes lugares, como microterritórios, fazem parte de um discurso indexalizado, complexo, originante de uma estrutura de pensamento comunitário como um espelho africano na sua essência agregadora, presença vital do cuidado, solidariedade e convivência que abrandam as dores da humanidade negra ferida (Machado, 2013, p. 91-92).

A estrutura epistêmico-metodológica da pesquisa inovou com uma perspectiva estética, poética e filosófica, fazendo referência aos hinários das religiões de matriz africana e afro-ameríndia, presentes na cidade *locus* da pesquisa, assim como, provérbios africanos de domínio popular, traduzidos para a língua local, além de

pensamentos de colaboradores, letras de canções que simbolizam as experiências vividas no terreiro de casa, no terreiro da universidade e com os povos de terreiros.

Ao longo do processo histórico, foi preservado o uso de algumas palavras que têm base no idioma Iorubá (um dos idiomas mais antigos trazidos pela diáspora dos povos africanos, chegando aqui no nosso país em meados do século XVI), como uma atitude de respeito às comunidades tradicionais de terreiros referenciadas na pesquisa que preservam, na medida do possível, a linguagem de tradição iorubá em suas práticas cotidianas.

O critério de escolha pelos idealizadores/as e não pelos materializadores da Louvação ao Baobá se deu pela inquietação em compreender, na perspectiva filosófica, o contexto histórico e social em que eles viviam, quais os motivos e inspirações os impulsionaram a pensar nessa ação em específico, assim como, identificar o que foi idealizado, quais eram as perspectivas e o que se tornou.

Foi determinado três etapas para a pesquisa e cada uma dessas etapas é equivalente a um capítulo, com quatro tópicos. A primeira etapa consiste nas relações entre a trajetória de formação do autor, a Louvação ao Baobá e o encontro do autor com a Pesquisa (Auto)biográfica e Filosofias Afro-Brasileiras.

Para esse propósito, foi feita a escolha epistêmico-metodológica pela escrita de abordagem (auto)biográfica, construindo uma narrativa que apresenta aspectos da trajetória de formação do autor para caracterizar as suas implicações e sentimento de pertença à ancestralidade e identidade negra o que posteriormente possibilitou o seu encontro com a pesquisa (auto)biográfica, com uso da história oral.

A narrativa se apresentou na primeira pessoa do singular e na primeira pessoa do plural, pois em determinados momentos destaca as lembranças do autor e, em outros, destaca construções coletivas, pois o autor não caminhou sozinho, caminhou ombro a ombro com sua orientadora e as pessoas colaboradoras da pesquisa.

A segunda etapa apontou saberes ancestrais na preservação da memória social. A partir desse momento a escrita no texto se deu no plural, pois se trata de contribuições coletivas. Como se tratou de entrevista de história oral temática, foi construído roteiros dedutivos para entrevistas fechadas e diretas, indiretas em caso de complementos. Foi optado pela gravação em áudio, com autorização dos colaboradores.

Os encontros para a realização das entrevistas narrativas em áudio aconteceram de forma sistemática em visita de campo, local e datas combinadas previamente entre o pesquisador, a orientadora e os/as narradores/as da pesquisa.

Ao registrar e reconhecer os impactos frutos da Louvação ao Baobá, como marcadores das africanidades (Petit; Farias, 2015), esses marcadores com a política educacional brasileira foram articulados. Foi necessário realizar, inicialmente, um estudo dos documentos: Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana; Base Nacional Comum Curricular (BNCC); Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), dentre outros.

Esta pesquisa respeitou a Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016 que dispõe sobre normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, assim adotamos o uso de documentos como o Termo de Anuência do Participante da Pesquisa, dentre outros documentos imprescindíveis ao protocolo de pesquisa no campo das Humanidades, principalmente na pesquisa qualitativa em Educação.

Os documentos anunciados permitem aos sujeitos da pesquisa conhecimento sobre o que será registrado neste estudo e a condução de todo o processo de pesquisa, pautado com a atenção à ética. O conjunto de materiais se destina para a compreensão necessária de saberes ancestrais na preservação da memória social, através das (auto)biografias, narrativas orais da experiência dos/as nossos/as colaboradores/as.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Notadamente, na área de Educação, a principal contribuição deste estudo se apresenta como subsídio para implementação da Lei 10.639/2003, conteúdos e referências para fortalecer o campo da Filosofia da Educação Brasileira no contexto da história e da memória do movimento negro, dos povos de santo e da cidade de Mossoró/RN.

Concomitantemente, contribui para a ampliação do trabalho com as Filosofias Africanas e Afrodiaspóricas e com a Metodologia da Pesquisa (Auto)biográfica, principalmente na interface, caracterizando-se como uma perspectiva epistêmico-metodológica em construção, visando compreender e veicular vozes plurais e contracoloniais, com impactos diretos na cultura e educação brasileira.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi, **O perigo de uma história única**. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Campanha das Letras, 2019.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico raciais e para o ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana**. Brasília/DF: SECAD/MEC, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 maio 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria. In: AZEVEDO, José Clóvis de, GENTILLI, Pablo; KRUG, Andréa; SIMON, Kátia (orgs.). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: UFRGS/SME, 2000.

CASTIANO, José P. **Referenciais da filosofia africana: em busca da intersubjectivação**. Maputo, Moçambique: Ndjira, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaff. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Epistemologia e pesquisa (auto)biográfica. In: Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos (orgs.). **Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016, v. 1, p. 81-96.

LEITE, Lucas Sullivam Marques; AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira. Uma reflexão sobre a materialização da Louvação ao Baobá na/da cidade de Mossoró/RN. **Mnemosine Revista - Dossiê: História, Educação nas lutas dos povos e comunidades tradicionais** v. 13, n. 2, jul./dez. 2022.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas**: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira. 2014. 240 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2014.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana para a resistência: ancestralidade e encantamento num retorno ao passado que reconhece e perpetua esses conceitos formativos *In*: MACHADO, Adilbênia Freire; ALVES, Kellynia Farias; PETIT, Sandra Haydée (orgs.). **Memórias de Baobá II**. Fortaleza: Impreco, 2015, p.77-95.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Saberes ancestrais femininos na Filosofia Africana**: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados. 2019. 268 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará - UFCE, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana contemporânea desde os saberes ancestrais femininos: novas travessias/novos horizontes. **Ítaca**, n. 36 – Especial Filosofia Africana, p. 248-280, 2020a.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana desde saberes ancestrais femininos: bordando perspectivas de descolonização do ser-tão que há em nós. **Revista ABPN**, v. 12, p. 27-47, 2020b.

MACHADO, Vanda. **Pele da Cor da Noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MALANDRINO, Brígida Carla. **“Há sempre confiança de se estar ligado a alguém”**: dimensões utópicas das expressões da religiosidade bantu no Brasil 2010. 433 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2010.

MEDEIROS, Emerson Augusto de; LEANDRO, Ana Lúcia Aguiar Lopes. Histórias de vida e formação: trajetórias, experiências e reconstruções do ser no seu saber-fazer. *In*: **Quipus - Revista Científica das Escolas de Comunicação e Artes e Educação**, UNP, ano II, n. 2, p. 51-62, jun./nov. 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia Prático de História Oral**: para empresas, universidades, comunidades e famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da Ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

PETIT, Sandra Haydée; FARIAS, Kellynia. Pretagogia, pertencimento afro e os marcadores das africanidades: conexões entre corpos e árvores afroancestrais. *In*: MACHADO, Adilbênia Freire; ALVES, Kellynia Farias; PETIT, Sandra Haydée (orgs.). **Memórias de Baobá II**. Fortaleza: Impreco, 2015, p. 125-145.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SOUZA, Elizeu Clementino. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Educação*, UFSM, Santa Maria, v. 39, n. 11, p. 39-50, jan./abr. 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

*Submetido em: 31/07/2023*

*Aceito em: 10/03/2024*